



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

A PSICOLOGIA HUMANISTA COMO CAMINHO DE ACOLHIMENTO DA NEURODIVERSIDADE

Ana Cecília de Figueiredo Barreto Amorim¹

Tairine Vaz Moura²

Júlia Nataly Diniz Silva³

Juliana Beatriz Santos Santiago⁴

Eixo Temático: Saúde Mental e os Transtornos do Neurodesenvolvimento.

RESUMO

O Humanismo surge como uma “terceira força” em contraposição à psicanálise e ao behaviorismo, dando foco ao sujeito e valorizando sua liberdade, autonomia e potencial de autorrealização, propondo uma visão integradora que ultrapassa o reducionismo científico e técnico. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo apresentar as perspectivas e abordagens humanistas como possibilidades de intervenção e acolhimento da pessoa neurodivergente, com foco na escuta e na percepção fenomenológica de seu mundo vivido. Para isso, foi utilizada metodologia qualitativa de revisão de literatura. Dessa forma, foram selecionados estudos que enfatizam uma compreensão despatologizante da neurodiversidade e a centralidade do sujeito como agente e construtor de sua própria história. Conclui-se que, a partir da integração entre a Gestalt-terapia, a abordagem centrada na pessoa e a Psicologia Fenomenológica, configura-se um modelo de cuidado que rompe com a lógica biomédica e normativa, priorizando uma escuta empática e dialógica, essenciais para o acolhimento da pessoa neurodivergente.

Palavras-Chave: Neurodiversidade; Humanismo; Fenomenologia; Acolhimento.

INTRODUÇÃO:

O termo neurodiversidade por Walke (2014, *apud* Bliacheris *et al.*, 2024) é utilizado para se referir ao grupo de indivíduos com variações neurológicas naturais, tidas

¹ Graduanda em Psicologia, UNINASSAU, cecilia.figueiredobarreto@gmail.com

² Graduanda em Psicologia, UNINASSAU, tairinevazmoura@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia, UNINASSAU, julianaataty@gmail.com

⁴ Graduada em Psicologia, UNINASSAU, juliana.beatrizasant@gmail.com



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

como atípicas pelo seu modo de funcionamento e que vão de encontro à biodiversidade. À priori, a concepção da neurodiversidade surge a partir de uma visão médica, com características patologizantes que descredibilizam o sentido de “diversidade”, caracterizando uma forma de exclusão e conformidade, sem perspectivas ou alternativas de integração e de intervenção voltadas para a inclusão.

Nesse contexto, a partir de um olhar mais empático e despatologizante, que contribuísse para a valorização e a importância da existência da pessoa neurodivergente, o conceito de neurodiversidade foi revisado, passando a rejeitar a perspectiva médica e a adotar o modelo biomédico. Segundo Bliacheris e Hernandez (2024), no novo paradigma adotado, o indivíduo neurodivergente é reconhecido como um ser que percebe e interage com o mundo de formas distintas, nos diversos campos da vida, que implicam na aprendizagem, nas relações sociais, no trabalho e na forma de sentir e reagir.

Com base no reconhecimento do ser que foge da norma estatística padrão, Walke (2014, *apud* Bliacheris *et al.*, 2024) explicita que há necessidade de identificar as dificuldades e barreiras no meio interacional, educativo e de trabalho, enfrentadas por esse ser lançado à existência. Desse modo, compreendem-se as diferenças neurológicas não como uma patologia que precise de cura, mas, sim, como um conjunto de expressões e variações do sentir, comportar, interagir e pensar — naturais da diversidade e pluralidade humana. Dessa forma, tal como gênero e etnia, essas diferenças também merecem e devem receber atenção à saúde mental (Bliacheris; Hernandez, 2024).

Sob uma perspectiva ampliada, a existência do conceito de saúde surge a partir do entendimento de que saúde vai além do não adoecimento, sendo um completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade (Caixeta *et al.*, 2021). A partir do estudo de profissionais da saúde mental, visando o indivíduo humano como um ser saudável, surge a Psicologia da Saúde, que busca a promoção do bem-estar biopsicossocial do indivíduo, considerando-o em seu contexto interacional e como um ser histórico, o que pressupõe uma compreensão multifatorial do processo (Caixeta *et al.*, 2021). Desse modo, a definição de saúde advém de um



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

movimento histórico e político que visa romper com as barreiras do conceito centrado na medicina da saúde-doença.

Verifica-se que a nova concepção de saúde tem um olhar para além do holístico sob o indivíduo, visto a pluralidade e subjetividade emocional, espacial e temporal desse ser, diretamente ligado ao paradigma do corpo vivido, trazendo a experiência através da corporificação, sendo um movimento contrário reduzi-lo a sinônimos patologizantes (Reis, 2016). Portanto, para o desenvolvimento pleno alinhado ao cuidado, urge a necessidade de reconhecer o sujeito em sua totalidade, sem enquadrá-lo em achismos, tornando essencial a visão fenomenológica nessa ação.

No processo de atenção à saúde e de cuidado, por meio do método fenomenológico, compreende-se e reconhece, na fenomenologia, o pronunciamento contra a redução do humano em perspectivas mecanicistas. Haja vista que o sujeito, antes de toda e qualquer perspectiva filosófica ou científica, precisa revelar-se em sua inteireza — sendo ele mesmo, por meio de sua experiência única, quem guia e dá sentido às perspectivas filosóficas, e não o contrário (Karwowski, 2015). Assim, o acolhimento e o zelo por essa abordagem fogem do determinismo e da adoção de pré-conceitos a respeito da imagem ou da queixa do indivíduo.

Dessa forma, enfim, esse artigo tem como objetivo expor a importância da escuta e acolhimento na manutenção da saúde mental de pessoas com transtorno do neurodesenvolvimento pela perspectiva humanista. O tema é visto como de extrema importância, uma vez que a práxis humanista é limitada a um público específico pelas produções científicas e práticas. Além disso, a produção desse conhecimento abre espaço para repensar o posicionamento científico e prático tanto da abordagem, quanto da Psicologia como ciência e profissão, haja vista que a humanidade é inerente a qualquer teoria da personalidade.

REFERENCIAL TEÓRICO:

Psicologia Humanista



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

Na década de 1960, surgiu um movimento que deu origem a uma nova psicologia, denominada “terceira força”. Seu principal objetivo era contrapor-se ao behaviorismo mecanicista (psicologia e pedagogia) e à psicanálise tradicional freudiana (psiquiatria). Esse movimento se desenvolveu em um cenário sociopolítico e cultural que vivenciava a ascensão econômica, mas que ainda enfrentava dificuldades sociais do pós-guerra. Esse contexto abriu caminho para a esperança e o otimismo, trazendo a possibilidade de mudanças nas atitudes políticas e sociais. Em consonância com essa conjuntura, a Psicologia Humanista também apresentou novas percepções, com foco no ser humano, na liberdade e na dignidade humana (Schievano, 2022).

Segundo Stenzel (2022), ao se considerar o contexto da Psicologia Humanista, é necessário reconhecer a dificuldade em demarcar um campo homogêneo entre as diferentes correntes humanistas, tanto no Brasil quanto no mundo. Nessa perspectiva, Angus *et al.* (2015) observam que, apesar das diferenças significativas entre as abordagens, é possível identificar um conjunto de pressupostos teóricos e princípios práticos que ultrapassam tais divergências. Entre eles, destacam-se: a valorização da relação terapêutica, o enaltecimento da experiência subjetiva do cliente, a confiança na potencialidade do indivíduo para o crescimento e o foco na pessoa.

A Psicologia Humanista busca ser fiel a toda experiência humana e tem como base o humanismo filosófico, o existencialismo e a fenomenologia. Enquanto ciência e profissão, procura desenvolver métodos rigorosos e sistemáticos para o estudo dos seres humanos. Seu propósito é superar o caráter fragmentário da psicologia contemporânea por meio de uma abordagem mais compreensiva e integradora.

Costa *et al.* (2024) apontam Carl Rogers e Abraham Maslow como os principais teóricos que mais contribuíram para a Psicologia Humanista. Ambos desenvolveram teorias centradas no potencial humano, no bem-estar emocional, no crescimento pessoal e na relevância da relação terapêutica. No caso de Maslow, é indispensável destacar a Teoria da Hierarquia das Necessidades, segundo a qual os seres humanos possuem demandas básicas que precisam ser satisfeitas para que possam alcançar seu pleno



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

potencial. Essa teoria ressalta a importância de atender às necessidades fisiológicas, de segurança, de amor e pertencimento, de estima e de autorrealização.

Ao tratar da compreensão do sujeito, Leite *et al.* (2025) ressaltam a visão de Rogers, para quem é no processo de interação que ocorre a facilitação e o avanço da capacidade de transformação, sobretudo em um ambiente que favoreça o surgimento das potencialidades internas do indivíduo. Assim, a tendência atualizadora, presente em todas as pessoas, permite o crescimento autêntico em harmonia entre o eu ideal e o eu real, ampliando a possibilidade de uma autenticidade genuína.

A partir de uma perspectiva gestáltica, o indivíduo existe como um todo multifacetado e multidimensional, assim, ele se constitui e se desenvolve a partir de suas relações e interação com o mundo. Compreende-se um olhar humanista fenomenológico de sujeito dotado de potencialidades atualizáveis, mas que depende de um meio que o atravessa constantemente afetando sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Porém, também é nessa interação homem-mundo que se constitui um possível equilíbrio, baseado na busca por satisfazer as necessidades do indivíduo em seus diversos contextos (Melo *et.al.*, 2018).

De modo complementar, Silva *et al.* (2023) observam que a Gestalt-terapia mantém o foco na totalidade do indivíduo, percebendo-o como um ser integral e singular, valorizando suas potencialidades e sua autonomia. Embora reconheça a importância da identificação das características somáticas descritas pelos manuais médicos, considera indispensável ir além, concebendo a pessoa para além dos códigos classificatórios de doença.

Parreira e Miranda (2021) colocam a tentativa de definir o que seria a verdade do homem ou o seu conceito, como uma perigosa forma de delimitá-lo ao atribuir um rótulo seguindo conceitos pré-definidos. Dessa forma, a psicologia humanista se volta para as possibilidades do ser, o homem “maior que a soma de suas partes”, sua totalidade e integridade como fontes e impulsionadores de liberdade e autonomia. Fazendo um paralelo com o diagnóstico de transtornos do neurodesenvolvimento (e no geral), os



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

critérios diagnósticos, comportamentos e atitudes atribuídos a eles, tornam-se muitas vezes sentenças de uma parte que domina e desfoca o todo.

Compreensão do Indivíduo com transtorno de Neurodesenvolvimento

No Brasil a psicologia se estabeleceu com uma forte influência da medicina em um período da história marcado pela higienização social e, posteriormente, mental (Firbida e Vasconcelos, 2019). O conhecimento psicológico apropriado pela medicina com o intuito de controle social e definição de comportamentos, destacando a patologia/transtorno em detrimento da subjetividade do indivíduo. Essa forma de “tratamento” reducionista, que isola em asilos e exclui o sujeito do convívio social, só começa a ser modificada em meados de 1970, passando pelo início da reforma psiquiátrica, até a conquista da Lei nº 10.216 de 2001, um importante passo para a estruturação de um sistema de tratamento para transtornos mentais pautado na humanização (Teles *et al.*, 2024).

Pires (2022) aponta que os transtornos do neurodesenvolvimento se caracterizam pelo comprometimento de três áreas comuns ou específicas: déficit de habilidades sociais; comprometimento nas habilidades comunicativas, tanto verbais quanto não verbais; e presença de comportamentos ou interesses restritos, repetitivos e estereotipados.

Na visão gestáltica, é a partir do contato com o outro e com o meio (nas fronteiras do eu) que se dá a construção do Self. Entendido como um processo pessoal de como lidar com as situações e seus contextos no campo, é constituído de três modos: o Id, o Self e a Personalidade. Sendo o Id onde ficam retidos excitamentos orgânicos, situações passadas, inacabadas, um espaço de contato entre passado e presente. O Self é uma função ativa e deliberada, que possibilita manipular o meio e tomar atitudes de acordo com suas necessidades. Por fim, a personalidade é a função caracterizada pelas representações que o indivíduo faz das experiências de contato (Barros, 2014).

Considerando o autismo, o comprometimento do Id afeta o funcionamento do sujeito através de um Eu que opera sem a presença de uma bagagem de dados obtidos previamente. Dessa forma, não se tem o reconhecimento de formas relativas de vivências



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

primitivas, o que dificulta a percepção de estímulos oriundos do meio, ou seja, o indivíduo não apresenta uma sensibilidade a esses estímulos, passando a responder de maneira “inadequada” a eles e podendo gerar uma evitação ao contato (Soares; Ferreira, 2018). E apesar do comprometimento do Id, o Self continua funcionando por meio de ajustamentos que muitas vezes não atendem a expectativa social (Barros, 2014).

Desse modo, merece destaque as orientações recentes da Associação Americana de Psicologia (APA), que ressaltam a impossibilidade de tratar o cliente como um “objeto” sobre o qual se aplica determinada técnica. O cliente deve ser compreendido como sujeito central do processo, uma vez que apenas ele é capaz de compreender as inter-relações que compõem seu sofrimento emocional (Stenzel, 2022).

Em consonância com essa perspectiva, a Gestalt-terapia tem como objetivo a reconstrução do contato entre o indivíduo e o meio em que está inserido, buscando interações funcionais capazes de promover o crescimento. No âmbito da clínica infantil gestáltica, o processo é conduzido para ampliar as fronteiras de contato da criança e seus recursos internos, com a intenção de reduzir a rigidez e aumentar a fluidez (Soares; Ferreira, 2018).

Nessa direção, Brito *et al.* (2021) recorrem à fenomenologia de Merleau-Ponty para destacar a importância de validar o processo psicoterapêutico como um contexto no qual a criança se sinta livre para expressar-se e ser legitimada. Cabe ao profissional posicionar-se de modo a abrir-se ao fenômeno infantil, procurando afastar-se da percepção adulta e buscar compreender como a criança atribui significados às experiências, assumindo, assim, uma postura compreensiva e empática.

De acordo com Stenzel (2022), nos últimos anos, observa-se a crescente necessidade de reavaliar a forma como a psicoterapia aborda as especificidades do ser humano, mesmo em áreas tradicionalmente mais voltadas à valorização de técnicas. Nessa linha, pesquisas de teóricos vinculados à APA evidenciam um enfraquecimento do tecnicismo e uma ênfase maior na relação terapêutica, na experiência e na vivência dos sujeitos envolvidos no encontro psicoterapêutico. Esses elementos — juntamente com a



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

empatia, a congruência, a consideração positiva e as atitudes do terapeuta — são considerados decisivos para o sucesso psicoterápico, corroborando conceitos defendidos por teóricos humanistas e que vêm sendo retomados em pesquisas e orientações da APA.

Modelo de Cuidado Humanista como possibilidade

Para Perini (2025), na racionalidade biomédica, a escuta funciona como um instrumento de investigação baseado na seleção do que interessa, uma busca por sintomas que juntos formam um diagnóstico. Assim não se considera o sentido em si do relato trazido pela pessoa. Dessa forma, o autor ainda traz como exemplo do reducionismo típico do modelo biomédico, as interpretações e construções teóricas sobre determinados fenômenos são tratados como verdades absolutas, assumidas como se tivessem sido descobertas tais como são.

Por outro lado, Fontgalland *et al.* (2014) afirmam que a clínica humanista-fenomenológica desenvolve uma teoria e uma metodologia de caráter essencialmente crítico. Nessa abordagem, o psicoterapeuta não busca apenas compreender o mundo do cliente, mas, por meio da redução fenomenológica, abstém-se de suas próprias concepções teóricas, experiências e conceitos individuais preconcebidos, voltando-se exclusivamente à fala do cliente. Dessa forma, procura caminhar ao lado do cliente em seu mundo, buscando compreender o significado da experiência vivida

Uma abordagem humanista se utiliza do aparato teórico da psicopatologia fenomenológica como recurso de compreensão da vivência do sujeito. Segundo Karwowski (2015), a relação entre fenomenologia e psicopatologia se dá na “implicação” não na aplicação, uma vez que não existem descrições específicas dos transtornos. A fenomenologia oferece caminho para repensar as estruturas fundamentais do sujeito. Ela busca entender sua essência não somente de forma racional, mas considerando também aspectos psicopatológicos, ou seja, seu interesse é pela experiência humana, considerando a influência dos transtornos ou sofrimento mental na percepção da realidade.

Na mesma direção, o modelo terapêutico rogeriano propõe uma atenção cuidadosa ao universo singular do cliente. Não se centra no sintoma, no diagnóstico ou na técnica,



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

mas tem como pressuposto fundamental a não-diretividade. Essa premissa, que marcou o trabalho inicial de Rogers na psicoterapia, gerou diversas incompreensões que perduram até hoje. É essencial compreender, contudo, que a não-diretividade não significa passividade, mas uma postura ativa de atenção e cuidado por parte do terapeuta, que visa facilitar o processo do cliente. Por esse motivo, a postura não-diretiva é considerada o fundamento das atitudes facilitadoras, colocando o cliente no centro do processo psicoterápico (Stenzel, 2022).

Barros (2014) pontua a necessidade de um bom aparato teórico e técnico para trabalhar com pessoas que apresentam ajustamento de defesas. Priorizando uma atitude Eu-Tu em uma relação dialógica que permita ao cliente ter a sensação de ser visto tal como é. Destarte, mostrando uma abertura ao “mundo” do cliente, o psicoterapeuta por meio da compreensão empática adentra os significados de seu sofrimento e possibilita a mudança no processo terapêutico (Fontgalland; Moreira; Melo, 2018).

METODOLOGIA:

A pesquisa é tipo revisão bibliográfica, qualitativa, realizada de modo exploratório e descritivo a fim de contemplar os objetivos definidos na obra. O desenvolvimento da mesma ocorreu por meio da análise de conteúdos coletados de artigos científicos indexados, uma dissertação e um livro. De acordo com Gil (2002), uma pesquisa bibliográfica é definida como aquela desenvolvida a partir da organização de materiais já publicados, sendo utilizados, principalmente, livros e artigos indexados.

Ainda seguindo a ideia do autor, a vantagem de realizar uma pesquisa de revisão de literatura, é o acesso irrestrito a informações de várias localidades e épocas diversas sem necessariamente sair do laboratório de pesquisa. Como critério de inclusão, foram utilizados artigos e obras publicadas entre os anos de 2014 a 2025, estarem escritos na língua portuguesa ou inglesa, abordarem os temas: Neurodiversidade, Neurodivergência, Humanismo, Fenomenologia e Acolhimento, além de serem artigos completos ou livros



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

de referência no assunto. Serão excluídos aqueles que, na leitura da obra, não contemplem os critérios aqui expostos.

A busca do material foi feita nas plataformas de pesquisa Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Scielo e Periódicos CAPES. As palavras-chave utilizadas na busca foram: Psicologia, Humanismo, Autismo, Fenomenologia e Acolhimento. Além disso, foram utilizados uma dissertação e o livro “Fundamentos e aplicações da abordagem centrada na pessoa e da psicoterapia existencial”. A seleção bibliográfica foi dividida entre 4 tópicos: 1) pesquisa dos descritores e aplicação de filtros; 2) leitura do título; 3) leitura do resumo; 4) leitura do texto. O resultado foi obtido com a leitura dos artigos selecionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia Humanista, consolidada a partir da década de 1960 como a “terceira força” em contraposição ao behaviorismo e à psicanálise clássica, representou uma profunda reformulação na compreensão do ser humano e de sua subjetividade. Fundamentada em bases filosóficas existenciais, fenomenológicas e humanistas, essa abordagem valoriza a liberdade, a autonomia e o potencial de autorrealização do indivíduo, propondo uma visão integradora que ultrapassa o reducionismo científico e técnico. Em um contexto histórico permeado pela busca de reconstrução social e humana no pós-guerra, a Psicologia Humanista emergiu como um movimento que resgatou o valor da experiência subjetiva e da relação terapêutica genuína, deslocando o foco da doença para a pessoa em sua totalidade.

A contribuição teórica de autores como Carl Rogers e Abraham Maslow foi essencial para consolidar um paradigma que privilegia o crescimento pessoal, a autenticidade e a congruência entre o eu real e o eu ideal. Dentro dessa perspectiva, a Gestalt-terapia e outras abordagens humanistas expandiram o olhar sobre o sujeito como um ser em constante interação com o meio. O ser humano passa a ser compreendido não como um conjunto de partes isoladas, mas como uma totalidade viva, atravessada por experiências, afetos e relações. Essa visão se mostra particularmente significativa no cuidado de



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

peças com transtornos do neurodesenvolvimento, uma vez que rompe com o paradigma biomédico tradicional historicamente pautado pela patologização e pela exclusão, e propõe um modelo clínico humanizado, no qual o sujeito é compreendido em sua singularidade e potencialidade, e não reduzido ao diagnóstico.

O avanço da reforma psiquiátrica e o fortalecimento de práticas terapêuticas humanistas no Brasil contribuíram para a construção de um sistema de cuidado centrado na dignidade e na inclusão. A psicologia, ao se desvincular gradualmente da racionalidade médica, passou a reconhecer a importância da escuta empática e da experiência subjetiva como instrumentos terapêuticos legítimos. Nesse contexto, a Gestalt-terapia, a abordagem centrada na pessoa e a fenomenologia ofereceram recursos teórico-metodológicos consistentes para compreender o sujeito não a partir de um modelo prescritivo, mas a partir de um encontro genuíno entre terapeuta e cliente.

Por conseguinte, o modelo de cuidado humanista propõe uma ruptura com a lógica tecnicista e normativa, promovendo um reposicionamento ético do psicoterapeuta frente ao sofrimento humano. Em vez de aplicar técnicas de forma mecânica, o profissional é convidado a estabelecer uma relação dialógica, aberta e sensível às experiências do outro. Assim, o foco desloca-se do diagnóstico para o processo, da doença para a pessoa, do controle para o acolhimento. Essa postura implica reconhecer que o cuidado psicológico é, antes de tudo, uma prática de escuta e presença, na qual a transformação ocorre a partir do encontro autêntico entre dois sujeitos.

Em síntese, a Psicologia Humanista, ao integrar fundamentos existenciais e fenomenológicos, reafirma o compromisso da psicologia com o humano em sua complexidade. Ela resiste à objetificação do sujeito e reafirma sua essência como ser de possibilidades. Ao defender um modelo de cuidado baseado na empatia, na compreensão e na valorização da experiência vivida, o humanismo psicológico continua sendo um referencial indispensável para a prática clínica contemporânea, especialmente diante dos desafios éticos e sociais que permeiam o cuidado em saúde mental. Dessa forma,



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

reafirma-se sua relevância enquanto proposta científica, filosófica e ética voltada à promoção da liberdade, da autonomia e da integralidade do ser humano.

Referências

BLIACHERIS, Marcos Weiss; HERNANDEZ, Aline Calvo. O movimento social da neurodiversidade e a consciência política autista. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 24, e24081, 2024. Disponível em <<https://doi.org/10.5935/2175-1390.v24e24081>>. Acesso em: 24 set. 2025.

BRITO, Rosa Angela Cortez de, MOTA, Willyan da Costa ; BLOC, Lucas. Linguagem e relação com os outros: contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicoterapia infantil. *Psicologia USP*, v. 32, p. e200085, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200085>. Acessado em: 23 set. 2025.

BARROS, Marina Nogueira de. O psicoterapeuta invisível: reflexões sobre a prática gestáltica com ajustamentos autistas. *IGT Rede*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 193-24, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 set. 2025.

CAIXETA, Luís Vicente; PEGORARO, Renata Fabiana; GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia e Psicologia da Saúde: uma análise da produção acadêmica Brasileira. *Ver. Abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 27, n. 3, p. 291-304, dez. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.18065/2021v27n3.4>. Acesso em: 24 set. 2025.

COSTA, D. Éneri T.; SANTANA, C. R. .; TOSIN, L. S. .; DAMASCENO, H. da S. .; MARTINS, H. S. .; VASCONCELOS, amyly S. B. .; SILVA, R. T. da . A psicologia humanista e seus benefícios psicoterapêuticos com o paciente. *Epitaya E-books*, [S. l.], v. 1, n. 57, p. 287-322, 2024. DOI: 10.47879/ed.ep.2024991p287. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/952>. Acesso em: 27 set. de 2025.

FONTGALLAND, R. C.; MOREIRA, V.; MELO, C. de F. A experiência de ser empático para o psicoterapeuta humanista-fenomenológico iniciante. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 70, n. 1, p. 5–20, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672018000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 20 de set. de 2025.

FIRBIDA, Fabíola Batista Gomes ; VASCONCELOS, Mário Sérgio. A construção do conhecimento na Psicologia: a legitimação da medicalização. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 23, p. e016120, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392019016120>. Acesso em: 20 de set. de 2025.



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

KARWOWSKI, Silverio Lucio. Por um entendimento do que se chama psicopatologia fenomenológica. Ver. Abordagem gestalt., Goiânia , v. 21, n. 1, p. 62-73, jun. 2015 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 set. 2025.

LEITE, Jéssica Pinheiro; SOUZA, Nayra Lurian Nascimento de; RODRIGUES, Jefferson Carlos Tolentino; SANTOS, Ubirajara Paulino dos; FONTOURA, Ana Cristina de Oliveira; FIGUEROA, Márcio Antônio; PARAISO, Geisilene dos Santos; FÉLIX, Antonia de Oliveira. Um diálogo sobre a integração entre as abordagens humanista e psicanalítica na prática clínica. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 2543–2560, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i2.18297. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18297>. Acesso em: 24 de set. de 2025.

MELO, Anna Karynne; AQUILINO, Jamile Barreto; BLOC, Lucas Guimarães; MOREIRA, Virgínia; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Alice no País das Maravilhas: a experiência de depressividade no diálogo entre gestalt-terapia e psicopatologia fenomenológica. Memorandum: Memória e História em Psicologia, Minas Gerais, v. 34, p. 150–170, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6864>. Acesso em: 21 de set. de 2025.

PERINI, Danielle Cristina. Modelos de doença e sofrimento: Como a medicina de família e comunidade pensa a dimensão da subjetividade?. Dissertação, Mestrado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2 de Jun de 2025. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1611432>. Acesso em: 30 de set. 2025.

PIRES, H. L. A musicoterapia como técnica de aprendizagem e parte do plano terapêutico de crianças neuroatípicas, sob o olhar da psicologia e suas abordagens: Behaviorismo, Humanismo e Psicanálise. 2022. 50 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral FAEF, Garça, 2022. Disponível em: <https://repositorio.faeef.br/pub/53>. Acesso em: 20 de set. de 2025.

PARREIRA, Walter Andrade; MIRANDA, Eunice Moreira Fernandes. Fundamentos e aplicações da abordagem centrada na pessoa e da psicoterapia existencial. 1. Ed. Belo Horizonte: Artesã, 2021.

REIS, Róbson Ramos dos. A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão. Nat. Hum., São Paulo , v. 18, n. 1, p. 122-143, 2016 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302016000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 set. 2025.

SCHIEVANO, Bruna Alves. O método fenomenológico nas práticas das psicoterapias fenomenológicas, humanistas e existenciais: modalidades e tendências. 2022. 119 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia,



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

Uberlândia, 2022. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.585> . Acesso em: 20 de set. de 2025.

SOARES, Marcela Neves; FERREIRA, Wanderlea Nazaré Bandeira. O funcionamento autista sob as lentes da clínica gestáltica. Revista NUFEN, Belém, v. 2, p. 75-90, ago. 2018. Disponível em: Acesso em: <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n02artigo32>. Acessado em 20 set. 2025.

STENZEL, L. M. A abordagem humanista no debate da psicoterapia baseada em evidências. Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 70-82, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://revistaabordagemgestaltica.com.br/index.php/go/article/view/8>. Acesso em: 21 de set. de 2025.

TELES, Milla Pauline da Silva Ferreira, COELHO, Thereza Christina Bahia ; DOS SANTOS, Jéssica Vieira. Evolução da Rede de Atenção Psicossocial no Brasil, 2012-2018. Cadernos Saúde Coletiva, v. 32, n. 3, p. e32030437, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202432030437>. Acesso em: 21 de set. 2025.